

MIRANDA. Wander Melo. **Nações literárias**. Cotia: Ateliê Editorial, 2010.

CRÍTICA LITERÁRIA CONTRA A BARBÁRIE

Nações literárias, de Wander Melo Miranda, constitui um livro indispensável para o debate na crítica literária contemporânea. Sua abrangência é rara, contemplando um campo vasto e exigente de questões. Estão presentes no livro duas qualidades necessárias para o exercício da crítica segura: a erudição, resultante de um tempo de estudos continuados e bem articulados; e a atualização, que expõe uma capacidade de se interessar pelo que está acontecendo à sua volta. O autor, Professor Titular de Teoria da Literatura da Universidade Federal de Minas Gerais, pesquisador reconhecido dentro e fora do Brasil, tem opiniões firmes e argumentos convictos. Está aberto à interlocução, ao debate, o que é extremamente importante.

Diferentemente do que ocorre em outras publicações da área de crítica literária no Brasil, em que a redação é monológica e hermética, neste caso, trata-se de uma escrita clara e fluente. É o que se espera de uma abertura ao debate: um intelectual de formação sólida se expressa em termos claros, com opiniões firmes, e se apresenta dentro do espaço público.

O autor tem uma série muito numerosa de publicações, tanto em livros como em artigos. É conhecido seu importante livro **Corpos escritos**, articulando Graciliano Ramos e Silviano Santiago, lançado no Brasil e no Chile. Seu trabalho em favor da memória literária no país é notável, e pode ser comparado a muito poucos.

Em **Nações literárias** encontramos, ao mesmo tempo, um conjunto diversificado de interesses por parte do autor, e também uma unidade de postura crítica, que se consolida ao longo do tempo. A diversidade diz respeito aos temas estudados. Há reflexões sobre escritores de diversas épocas e nacionalidades: José de Alencar, Graciliano Ramos, Lúcio Cardoso, Cornélio Penna, Guimarães Rosa, Carlos Drummond de Andrade, Pedro Nava, Silviano Santiago, João Gilberto Noll, Chico Buarque, Paulo Lins, Fernando Bonassi, Charles Baudelaire, Jorge Luis Borges, entre outros. Encontramos também estudos sobre artistas envolvidos em outras formas estéticas, como Ary Barroso, Jasper Johns e Rosangela Rennó. Alguns tópicos centrais, em termos teóricos, movem e integram o conjunto de trabalhos: a reflexão sobre nação, o estudo de concepções de história, a delimitação das relações entre cultura e mercado, e a interpretação de imagens em torno do conceito de latino-americano.

Um dos fatores que pode distinguir um livro de crítica, delimitado como um conjunto de ensaios, é o desafio de estabelecer a melhor maneira de escrever sobre os assuntos escolhidos, a

relação entre forma e tema. Esse desafio, em larga medida, define a unidade da postura crítica, e a configuração do sujeito da enunciação no discurso crítico.

O primeiro parágrafo do livro já define, de modo preciso, uma singularidade de percepção.

Cito o autor:

As histórias da literatura são como monumentos funerários erigidos pelo acúmulo e empilhamento de figuras cuja atuação histórico-artística, em ordem evolutiva, pretende retratar a face canônica de uma nação e dar a ela um espelho onde se mirar, embevecida ou orgulhosa de seu amor-próprio e pátrio. Carregam em geral esse caráter fantasmagórico que nem a solidez de pedra da letra impressa para sempre no papel consegue desfazer (p.15).

A comparação das histórias da literatura com “monumentos funerários”, por si, justifica o interesse pela leitura de todo o livro. Trata-se de romper com as atitudes mistificadoras perante a historiografia canônica, dominante no país, pautada pela categoria da identidade nacional, por um princípio de homogeneidade do gosto e por um eurocentrismo calculado. Tem enorme importância a palavra “fantasmagórico”, que remete à falta de congruência entre os valores defendidos pela historiografia tradicional e as demandas sociais do país, que se manifestam em seus conflitos históricos e em seus antagonismos internos. É um termo forte na sua polissemia e em seus diversos contextos de emprego.

Trata-se, na verdade, de um conjunto de usos de vocabulário articulados ao longo do livro: “fantasmagórico” reaparece na página 71, “fantasmas” surge na página 76. Termos afins são recorrentes, como alusões à morte (por exemplo, nas páginas 39, 70 e 181), à putrefação (p.181) e à ruína (p.52 e p.103). A presença dessa palavra tem uma força evocativa. O termo pode lembrar o modo como Karl Marx descreve as relações humanas reificadas, e remete a Mário de Andrade, que escreveu o termo “fantasmas”, ao refletir sobre as atividades dos escritores brasileiros em *O movimento modernista*. Fantasmagoria foi um tópico de interesse para o pensador alemão Walter Benjamin. Citado diretamente no livro pelo menos três vezes, esse pensador parece ser, de diversos modos, um interlocutor fundamental para Wander Melo Miranda.

A rejeição do modelo canônico de história literária associa-se, em **Nações literárias**, a uma percepção do processo histórico “em catástrofe” (p.38), expressão que remete ao núcleo das teses de filosofia da história do pensador alemão. Trata-se, nesse sentido, de recuperar uma linha de reflexão construída em confronto com o fascismo, na Europa dos anos 20 e 30, para pensar o passado e o presente do Brasil e da América Latina. De fato, de acordo com a perspectiva adotada, aceitar de bom grado a historiografia canônica tem relação com priorizar um senso de unidade nacional, que só é possível com o “esquecimento da violência” (p.35), e com a colaboração de uma “história oficial” voltada para o “esquecimento” (p.21).

A crítica da história oficial articula-se com uma ruptura com a temporalidade linear, em concordância com os métodos ensaísticos adotados na constituição do livro, que dependem mais da intertextualidade dinâmica do que da sequência impressa; trata-se de um livro para ir e voltar, ler e reler, em que capítulos remetem uns aos outros de modo convergente e diversificado. É muito justo para o livro o conceito de afinidades eletivas: dentro de um mesmo capítulo, há partes sobre diferentes artistas, em que a montagem do ensaio é ela própria significativa como forma, sendo o capítulo “A forma vazia: cenas de violência urbana” a culminância desse procedimento.

O autor demonstra respeito por críticos anteriores a ele e pelas produções críticas recentes. Sua posição de abertura ao debate inclui a manifestação sobre intelectuais reconhecidos. No entanto, não se trata de se restringir à reprodução ou à homenagem, mas de estabelecer uma contribuição original de leitura.

Escrever uma obra sobre imagens de nações tendo como comportamento constante as referências à fantasmagoria, à morte e a tópicos afins evidencia que se trata de um trabalho que rompe com a tradição idealista de interpretação do Brasil. Nesse sentido, é um livro corajoso, e mesmo contundente. Levanta questões muito importantes para discussão, reconhecendo diversos pressupostos dessa tradição: a resistência a mudanças, o patriarcado, o autoritarismo, a unidade, a configuração de uma memória sem trauma, a normatividade.

Para questionar com inteligência esse conjunto de elementos, o autor assume com razão a necessidade de “articulação entre estética e ética”, levando a “redimensionar a natureza múltipla das práticas sociais e culturais como uma política da *forma*” (p.148-149). De fato, o livro é conduzido com essas premissas: o estético é constantemente examinado em perspectiva ética; a forma artística é avaliada em inserção política.

Desse movimento vem o componente propositivo dessa crítica. Ela não se apresenta como negatividade pura, ou como ceticismo que se entrega ao lamento sem encontrar nada no horizonte. A presença dos elementos político e ético (em larga medida associados na argumentação às ideias de Benjamin sobre narração, memória e ruína) aponta para modos não convencionais de configurar as relações entre literatura e sociedade.

O livro é exemplar em termos de recusa da barbárie (conforme, por exemplo, a página 191), e é nessa perspectiva que discute critérios de valor artístico, delimitações conceituais e problemas interpretativos. Trata-se de uma postura crítica inconformada com a violência, a catástrofe e a destruição. Portanto, de uma escrita que se desenvolve, em sua fluência e em suas articulações intertextuais, em favor de uma ruptura com a continuação de processos destrutivos e com a consolidação de modelos de memória conservadores. Seria bom que surgissem outros livros como este, em favor da mesma ruptura.

Chama a atenção a leitura brilhante de João Gilberto Noll, pautada pela imagem do “presente perpétuo”. Noll, escritor que ainda merece maior valorização, ganha aqui um intérprete muito importante, que nele reconhece uma configuração muito complexa, e ao mesmo tempo precisa, da contemporaneidade. Não há dúvida de que a qualidade da aproximação crítica de Noll tem ligação com o olhar singular, pautado pela capacidade de lidar com a destruição na ficção e na história, em parte benjaminiano, desenvolvido com ponderação por Miranda.

O autor formula, na página 197, o dilema referente a uma busca de um lugar externo, “encontrar um fora do sistema global”, como condição de sustentação crítica do pensamento contemporâneo. Trata-se de uma “aporia”, conforme exposto. De que lugar falar? A cada vez que se escreve um livro de crítica, a questão se repõe.

O lugar escolhido por Wander Melo Miranda permite observar o passado como catástrofe, como acúmulo de ruínas. O que ele viu, elaborou e apresentou no livro é matéria prioritária para debate intelectual no Brasil. Ele percebeu o que há de destrutivo e fantasmagórico em nossa tradição canônica. O autor conhece bem a melancolia, a perda, a exclusão. E sabe como falar de literatura com excelência, fazendo com que sua fala constitua um enfrentamento da barbárie brasileira. Cada palavra do livro contraria a morte individual e coletiva.

Jaime Ginzburg
Professor Livre-Docente (USP)
Pesquisador do CNPq

Nota editorial: Esta resenha foi publicada originalmente na edição nº. 7 da *Revista FronteiraZ*.